

# Modernizar o Multilateralismo e os Mercados

---

Para ler a tradução em português brasileiro, favor [clique aqui](#)

## Reunião Anual

Conselho de Governadores do Banco Mundial

Notas Proferidas por

**Robert Zoellick**

Presidente

Grupo Banco Mundial

Washington

13 de Outubro de 2008

### “Modernizar o Multilateralismo e os Mercados”

Senhor Presidente, Senhores Governadores, Ilustres Convidados:

Muito obrigado por estarem aqui conosco nestas Reuniões Anuais. Gostaria de apresentar os meus agradecimentos especiais ao nosso Presidente, Zoran Stavreski e, uma vez mais, a Agustín Carstens pela liderança do Comité de Desenvolvimento e sua parceria, como amigo. Não consigo imaginar ninguém melhor no lugar de Presidente para este meu primeiro ano de trabalho.

Também quero destacar o meu colega Dominique Strauss Kahn. Trabalhamos em estreita colaboração e tenho a sorte de ter um parceiro com experiência, visão esclarecida e grande sentido de humor.

Reunimo-nos num momento extraordinariamente difícil – um tempo de incerteza e insegurança, com o perigo de que esses receios nos desviem – em vez de nos concentrarem – de uma globalização mais inclusiva e sustentável.

As últimas semanas fizeram de 2008 um ano precário. A derrocada nos mercados financeiros, de crédito e da habitação. A tensão contínua da alta dos preços dos combustíveis, alimentos e matérias-primas. Nervosismo acerca da economia global.

As pessoas estão a sofrer. As famílias estão preocupadas com o dia de amanhã.

As pessoas estão a reagir, primeiro com um sentido de confusão, seguido de revolta e medo.

São respostas naturais, tal como temos assistido nos países desenvolvidos. Os desafios da psicologia espalhar-se-ão por todo o mundo, à medida que se alastram os efeitos financeiros e económicos. Temos de os levar muito a sério.

Outubro podia ser um ponto de viragem para muitos países em desenvolvimento. Uma quebra das exportações, assim como nas entradas de capital, provocará uma queda nos investimentos. A desaceleração do crescimento e a

deterioração das condições financeiras irão causar falências de empresas e aumentar o risco de emergências bancárias. Alguns países ver-se-ão a braços com crises da balança de pagamentos. Como sempre acontece, os mais pobres são os mais indefesos.

Os acontecimentos deste ano são um sinal de alerta. Há nuvens de tempestade a pairar sobre o multilateralismo e os mercados.

À medida que os preços disparavam, os mercados agrícolas começaram a sucumbir em consequência das pressões políticas. Cerca de 40 países impuseram proibições ou restrições às exportações de alimentos. Outros impuseram controlos de preços e puseram fim ao comércio. As Nações Unidas envidaram todos os seus esforços para conseguir que os países duplicassem as suas contribuições destinadas à ajuda alimentar para os que mais precisam. A pobreza, fome e desnutrição aumentaram.

Ao mesmo tempo que o sistema global da agricultura caía por terra, a Organização Mundial do Comércio navegava em águas perigosas. Era o colapso da Ronda de Doha.

As negociações sobre Mudanças Climáticas, organizadas no âmbito da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, deparam-se com uma batalha crescente, agora inflamada pelo fracasso da OMC.

Se bem que as necessidades estejam a aumentar, o sistema de ajuda internacional não está a acompanhar o ritmo.

Os dadores trazem ideias, energia e recursos mas também podem cilindrar a apropriação nacional por parte dos países em desenvolvimento, prejudicando a eficácia da ajuda. Em 2006, registaram-se mais de 70 000 transacções de ajuda, cuja dimensão média dos projectos era de apenas USD 1,7 milhões. No ano passado, o país em desenvolvimento médio acolheu 260 visitas de dadores. O Vietname recebeu 752.

Há uma tendência, cada vez maior, de os governos nacionais prestarem ajuda ao abrigo da sua própria bandeira e não através do multilateralismo que estimula a coerência e cria apropriação local. O G-7, na sua totalidade, está bem aquém dos compromissos assumidos em Gleneagles destinados a dinamizar a assistência ao desenvolvimento.

As empresas e mercados financeiros privados continuarão a ser os mais potentes motores do crescimento e desenvolvimento globais. Mas os sistemas financeiros do mundo desenvolvido, especialmente nos Estados Unidos, revelaram falhas evidentes, depois de terem registado perdas espectaculares.

A arquitectura internacional concebida para lidar com estas circunstâncias está a abrir brechas.

## **Um Novo Multilateralismo**

No momento em que os Estados Unidos e o mundo tentam sair deste fosso, temos de olhar para o futuro: Precisamos de modernizar o multilateralismo e os mercados para uma Nova Economia Global.

Há quem diga que a crise actual deveria absorver toda a nossa energia e atenção. Mas os arquitectos de Bretton Woods em 1944 lançaram os alicerces do futuro, até mesmo quando ainda combatiam os exércitos do passado.

Para nós, o dia de amanhã já chegou.

Surgem novas potências económicas.

O envolvimento das potências em ascensão na economia global tornou-as “intervenientes” no sistema global que as beneficiou.

Estas potências em ascensão querem ser ouvidas. Querem saber qual será o seu papel na elaboração de novas regras para a economia global.

Por sua vez, os “intervenientes” da economia desenvolvida foram beneficiados – e simultaneamente ameaçados – pelas mudanças. As economias em desenvolvimento em ascensão oferecem pólos múltiplos de crescimento que auxiliam as suas recuperações e oferecem novas possibilidades, mas também servem de alimento para alarmismo.

Com taxas de crescimento, em média da ordem dos 6,6% entre 1997 e 2007, cerca de 25 países da África Subsaariana, representando quase dois terços da população da região, são uma imagem de um outro pólo de crescimento que poderia ser desenvolvido durante as próximas décadas. Isto poderia ser uma enorme conquista,

não apenas para vencer a pobreza e fomentar o desenvolvimento, mas também para libertar talentos e energias ainda intactos.

Mas será uma conquista que ficará por concretizar, a não ser que tenhamos a visão e a coragem de fazer frente aos desafios do isolacionismo económico e oferecer a liderança para ajudar a que isso aconteça.

Precisamos de uma nova abordagem.

No seu pleno funcionamento, o multilateralismo é um meio de resolver problemas entre países, em que o grupo com questões sobre a mesa tem vontade e capacidade para tomar uma acção construtiva em conjunto. Quando o multilateralismo é disfuncional, a globalização pode ser uma Torre de Babel, com interesses nacionais rivais a colidirem, sem benefícios para ninguém.

A geração de Bretton Woods deixou dois legados: primeiro, regimes e instituições internacionais específicos – em vários estados de funcionamento e de reforma. Segundo, e mais importante de tudo, essa geração deixou um compromisso intelectual, político e de políticas de actuação multilateral para transformar os problemas de uma era em oportunidades.

O Novo Multilateralismo, readaptado aos nossos tempos, é provavelmente uma rede flexível e não um sistema fixo. Precisa de maximizar o poder de interligar actores públicos e privados, organizações com fins lucrativos e ONGs da sociedade civil.

O Novo Multilateralismo tem que respeitar a soberania dos estados, ao mesmo tempo que responde a problemas interligados que ultrapassam as fronteiras.

Esta nova Rede Multilateral tem de ser pragmática. O seu trabalho primário é promover a cooperação através da incentivação de trocas de perspectivas quanto aos interesses, tanto internos como internacionais. A mera troca de informações é, muitas vezes, já um começo.

Deveríamos estimular uma procura de interesses comuns. Às vezes, os interesses mútuos podem ser fomentados através de incentivos, pelo que as instituições internacionais podem tornar-se agentes catalisadores de acção. Uma resolução prática dos problemas cria uma cultura de cooperação.

O nosso Novo Multilateralismo tem de estabelecer um sentido de responsabilidade partilhada, para a solidez e funcionamento eficaz da economia política global. Isto significa – principalmente e acima de tudo – que tem de envolver aqueles com uma participação maioritária nessa economia, aqueles que desejam compartilhar as responsabilidades juntamente com os benefícios da sua manutenção.

Temos de redefinir o multilateralismo económico para além do tradicional enfoque nas finanças e no comércio. Actualmente, a energia, as alterações climáticas e a estabilização dos estados frágeis e dos que estão a sair de conflitos são questões económicas. Já fazem parte do diálogo internacional sobre segurança e ambiente. Têm também de ser questões do multilateralismo *económico*.

## **Prioridades**

### Um Novo Grupo Dirigente

O Novo Multilateralismo ainda irá depender, principalmente, da liderança e cooperação nacionais. Os países contam.

Precisamos de um grupo duro de Ministros das Finanças que assuma a responsabilidade de se adiantar aos problemas, partilhe informações e visões, explore interesses mútuos, mobilize esforços para resolver os problemas e, pelo menos, saiba gerir as diferenças.

Para fins da cooperação económica e financeira, deveríamos considerar um novo Grupo Dirigente que inclua o Brasil, China, Índia, México, Rússia, Arábia Saudita, África do Sul e o actual G-7.

Este novo Grupo Dirigente agregaria mais de 70% do PIB mundial, 62% da sua produção de energia, os grandes emissores de carbono, os principais dadores do desenvolvimento, grandes actores regionais e os principais agentes dos mercados globais de capital, matérias-primas e cambiais.

Mas este Grupo Dirigente não seria um G-14. Não construiremos um mundo novo com a simples reconstituição do velho. Teria de ser sem um número fixo, flexível e, com o tempo, poderia evoluir. Outros podem ser acrescentados, sobretudo se a sua influência crescente se equiparar à sua vontade de ajudar a assumir responsabilidades.

Este novo Grupo Dirigente deveria reunir-se e fazer videoconferências regularmente, com o objectivo de promover um sentido de responsabilidade em grupo.

O FMI e o Grupo Banco Mundial, possivelmente com a OMC, podem ajudar a apoiar este Grupo Dirigente. Podemos identificar problemas emergentes, fornecer análise, sugerir soluções e, recorrendo aos nossos países membros, propor coligações para resolver problemas.

Os membros do Grupo Dirigente ainda irão precisar de trabalhar através de regimes e instituições internacionais estabelecidos que incluam outros estados. Mas o grupo nuclear aumentaria a probabilidade de os países se unirem para resolver os problemas que sejam mais vastos do que qualquer estado individual.

Precisamos deste mecanismo para que os países não sejam votados ao fracasso – com todas as consequências humanas, económicas e políticas que tal implica tanto para os próprios países como para os seus vizinhos. Precisamos dele para que os problemas globais não sejam apenas varridos depois do facto, mas sim antecipados. Precisamos dele para desenvolver o hábito do diálogo e as necessárias relações de confiança *antes de* a crise se declarar. Precisamos dele para moldar soluções multilaterais.

### Finanças Internacionais e Desenvolvimento

Já vimos o lado negro da interligação. Precisamos de nos encaminhar para o lado da luz.

A primeira tarefa será reparar o sistema falhado de regulação e supervisão financeira.

Temos de perguntar por que razão é que tantas instituições meticulosamente reguladas e supervisionadas entraram em descalabro. Qualquer modelo baseado no risco, independentemente do seu grau de sofisticação e supervisão, depende decididamente dos pressupostos. O que é que acontece quando os pressupostos falham?

As condições mutantes que detonam o fracasso estarão cada vez mais dependentes de alterações na economia mundial. Assim como a crise tem sido internacional por causa da interligação, também as reformas terão de ser multilaterais.

O Fórum de Estabilidade Financeira (FSF), capazmente presidido por Mario Draghi do Banco de Itália, começou a debruçar-se sobre estas questões. Seja através de um FSF alargado, de um elo mais forte entre o FSF-FMI, ou do Grupo Dirigente, estas questões de supervisão financeira precisarão de ser resolvidas num contexto multilateral mais amplo.

Temos de desenvolver um sistema de aviso prévio do FMI para a economia global, centrado na prevenção de crises e não apenas na resolução das crises.

As ondas dos choques financeiros nos Estados Unidos e Europa irão repercutir-se na economia global. A dura realidade é que os países em desenvolvimento têm de antecipar e preparar-se para uma quebra no comércio, remessas e investimento interno.

Os países com sólidas posições fiscais e da balança de pagamentos deveriam ser encorajados a fomentar a procura interna através do consumo e do investimento. Mas outros têm esboçado desvios orçamentais, perigosos défices da conta corrente, problemas na balança de pagamentos, risco financeiro ou a sua totalidade. O Fundo e os Bancos de Desenvolvimento vão ter de os assistir.

O Novo Multilateralismo tem de colocar o desenvolvimento global no mesmo nível das finanças internacionais.

A multi-polaridade económica oferece estabilidade e oportunidade, exactamente como uma carteira diversificada de investimentos. Mas para se impulsionar um crescimento mais inclusivo e sustentável, precisamos de pensar na ajuda de uma forma diferente.

Duas semanas atrás nas Nações Unidas, os parceiros internacionais angariaram USD 16 mil milhões para projectos de desenvolvimento. Este dinheiro é vital e precisamos de mais para cumprir as Metas de Desenvolvimento do Milénio.

Precisamos ainda de expandir a nossa abordagem. Temos de escutar o número crescente de africanos que nos estão a dizer que querem mercados e oportunidades e não dependência da ajuda. Os capitais privados e mercados continuarão a ser os motores do crescimento. Temos de olhar além dos projectos e programas e perscrutar novas formas de realizar a tarefa do desenvolvimento.

No Grupo Banco, estamos a mudar o nosso papel, essencialmente de prestador para o de provedor de soluções financeiras e de desenvolvimento, talhadas à medida das necessidades de cada país, com vista a superar a pobreza e fomentar o crescimento.

Estamos, igualmente, a criar uma plataforma de investimento da IFC para ajudar a intermediar o investimento em capital social – não se trata de ajuda – dos Fundos de Riqueza Soberana a África e outras regiões pobres com oportunidades de crescimento. Trata-se da “Solução Um Por Cento” que eu propus esta Primavera.

O capital privado – e especialmente o capital social – será o factor crítico na construção de infra-estruturas, fornecimento de energia, financiamento de negócios e comércio e promoção da integração regional no seio de uma economia global aberta. E isto já está realmente a acontecer. Em 2008, a IFC proporcionou mais investimento (inclusivamente através de consórcios financeiros) aos nossos clientes do que os empréstimos do BIRD ou a assistência da IDA. Este ano, mais de 40% dos investimentos da IFC ocorreram em países da IDA.

O nosso programa Global de Obrigações em Moeda Local nos Mercados Emergentes, o GEMLOC, visa incentivar o desenvolvimento de mercados de obrigações em moeda local nos países com mercados emergentes e facilitar oportunidades de investimento Sul-Sul.

Estamos a assistir os nossos clientes – desde os pequenos agricultores aos governos – a gerirem os riscos de desenvolvimento através de instrumentos de seguro para eventos catastróficos e meteorológicos. Em parceria com o DFID, finalizámos uma transacção de risco meteorológico a favor do Malawi. Ao abrigo desta transacção, o Malawi receberá até USD 5 milhões, caso um índice associado com a pluviosidade vier a cair significativamente abaixo da média histórica.

Estamos a desenvolver as nossas actividades junto de entidades subsoberanas, para podermos chegar à raiz da pobreza local e reforçar a governação e desempenho a todos os níveis.

Estamos a utilizar o nosso balanço e capacidades financeiras em conjugação com os dados para expandir os tipos de assistência: desde a emissão de obrigações de vacinas no mercado retalhista japonês, aos compromissos antecipados de aquisição de produtos farmacêuticos, que ainda precisam de ser desenvolvidos, destinados a salvar vidas.

À medida que caminhamos para novas áreas com novos instrumentos, precisamos de nos tornar parceiros melhores. Para tal, estamos a revitalizar o nosso trabalho destinado a apoiar sistemas de saúde, a promover inovações, tais como financiamento baseado em resultados e novas formas de colaboração com o sector privado e a sociedade civil. Há duas semanas atrás, na Cimeira do Milénio da ONU, associámo-nos às Nações Unidas, governos que tradicionalmente não são dados, sector privado e sociedade civil para incrementar o apoio à malária e ensino primário, com uma contribuição adicional do Banco de USD 2 600 milhões.

O Novo Multilateralismo precisa igualmente de mecanismos para actuar muito mais rapidamente, com vista a ajudar os mais vulneráveis em tempos de crise. Logo depois de ter sugerido a ideia nas nossas Reuniões da Primavera, quando a crise alimentar estava a fazer-se sentir duramente, o Banco Mundial criou um novo mecanismo de financiamento rápido de USD 1 200 milhões, para os que estavam ameaçados pela alta dos preços alimentares, destinado a financiar a nutrição, alimentação escolar, sementes e adubos e outras redes de segurança. Actualmente, estamos a ampliar esse Mecanismo por forma a cobrir os que são mais afectados pelos crescentes preços dos combustíveis. Estes tipos de mecanismos de vulnerabilidade têm de ser flexíveis, rápidos e precisam de um fluxo regular de fundos de doação.

O Grupo Banco Mundial também tem de se adaptar mais rapidamente para poder responder às necessidades dos seus clientes e interesses dos seus accionistas. Precisamos de alinhar melhor a nossa governação com as realidades do Século XXI. Ontem, alcançámos acordo relativamente a um pacote inicial de reformas sobre Voz, Participação e Responsabilidade. É um começo, mas teremos de ir mais longe. O nosso Conselho acelerou o trabalho sobre governação interna.

É com agrado que comunico que Ernest Zedillo aceitou presidir a uma Comissão de Alto Nível para estudar a modernização da governação no Banco Mundial que nos permita funcionar de uma forma mais dinâmica, eficaz, eficiente e legítima numa economia política global transformada. Pedi a Ernesto que trabalhasse com os colegas que estão a analisar o FMI. Em 1944, os arquitectos do sistema de Bretton Woods agarraram o momento para constituir os alicerces de um futuro novo. Agora, não podemos ser menos ambiciosos.

### A OMC e o Sistema de Comércio Global

As negociações de comércio global de Doha no âmbito da OMC estão a sucumbir. É vital que a OMC e o sistema aberto de comércio global não sejam enterrados com Doha.

As negociações de comércio irão continuar noutra local. Uma pesquisa recente revelou que as negociações de ACL podem apoiar uma abertura mais vasta dos mercados. Mas os ACL e os acordos preferenciais, que não tenham uma base ampla, podem enfraquecer a liberalização global. Precisam de estar ligados a disciplinas globais. E o sistema multilateral continua a ser a única opção para afastar a mão pesada do apoio à agricultura causador de distorções no comércio, que ainda se traduz em cerca de USD 260 000 milhões ao ano nos países da OCDE.

Uma forma de continuar a promover a liberalização global é reconhecer a facilitação do comércio como parte de um plano de desenvolvimento. Existem oportunidades de cortar custos do comércio, em muito superiores às conseguidas com a imposição de tarifas e outras barreiras comerciais. Os indicadores de “Doing Business” e de “Logistics” do Banco Mundial forneceram o trabalho de base para o diagnóstico. Os organismos regionais, como é o caso da APEC, apontaram o caminho.

O Grupo Banco Mundial está a ajudar os países a simplificar e harmonizar os procedimentos e documentação em toda a cadeia de abastecimento. Estamos, presentemente, a trabalhar num Mecanismo de Facilitação do Comércio, destinado a prestar assistência técnica, criar capacidade e preparar projectos. Podemos apoiar, tanto projectos a nível nacional que respondam às necessidades dos clientes, como projectos para um grupo de países que permitam facilitar a integração do comércio regional. E podemos ajudar com a implementação dos compromissos de facilitação do comércio, associados a acordos de comércio multilaterais e regionais.

Uma nova agenda de desenvolvimento e de facilitação do comércio põe o interesse próprio de baixar os custos comerciais a trabalhar em prol de um interesse multilateral de incentivo a uma maior integração, poupanças e oportunidades – o que significa mais crescimento, mais emprego, menos pobreza.

É o multilateralismo através de passos práticos, avançando onde for possível.

### Energia e Alterações Climáticas

A Nova Rede Multilateral também tem de estabelecer a ligação entre energia e alterações climáticas.

Os mercados mundiais da energia estão desordenados. Os produtores, receosos do colapso dos preços, evitam novos investimentos. Os países consumidores querem preços mais baixos para os consumidores, mas preços suficientemente altos para encorajar a conservação, poupanças, fontes alternativas e novas tecnologias. E os países e povos mais vulneráveis são as vítimas desta confusão geral, ao serem atingidos pelos preços elevados, volatilidade dos preços e mudanças climáticas.

A maior parte da produção petrolífera é, hoje em dia, controlada pelas companhias petrolíferas estatais. Estes fornecedores não respondem aos sinais do mercado da mesma forma que os produtores privados.

Precisamos de um “pacto global” entre os principais produtores e consumidores de energia. Alguns anos atrás, a China sugeria que os grandes consumidores de energia se organizassem para lidarem mais eficazmente com o cartel dos produtores. É uma ideia que vale a pena estudar, se bem que com um propósito mais vasto.

Tal pacto deveria, no mínimo, incluir a partilha de planos para expansão dos fornecimentos, incluindo energia alternativa; aumento da eficiência e redução da procura; assistência aos pobres nas suas necessidades energéticas; e análise do modo como estas medidas estão relacionadas com as políticas de produção de carbono e de alteração climática. O Grupo Banco Mundial pode desempenhar um papel importante nesta área. No ano passado, o nosso financiamento para projectos de energia renovável e de eficiência energética nos países em desenvolvimento aumentou em mais de 80%, tendo atingido USD 2 700 milhões.

Uma parte do pacto será também proporcionar uma oportunidade para os países em desenvolvimento fazerem investimentos de mais longo prazo com vista a reduzir a vulnerabilidade aos preços de combustíveis elevados e voláteis, ao mesmo tempo que apoiam os pobres com redes de segurança. Actualmente, menos de um quarto da população da África Subsariana tem acesso à electricidade, pelo que o aumento de acesso dos mais pobres é um complemento da maior importância para os investimentos em energia limpa. Da mesma forma que estamos a assistir os mais vulneráveis aos elevados preços alimentares com o aumento da produção agrícola, também temos de ajudar os que são vulneráveis aos preços elevados e voláteis da energia através de maior eficiência, mais opções de fontes alternativas e tecnologias off-grid e cooperação regional. A pedido dos accionistas, o Grupo Banco Mundial está a desenvolver uma iniciativa “Energia para os Pobres” que visa ajudar os países mais pobres a atender as necessidades de energia de formas eficientes e sustentáveis.

Podíamos pensar levar o pacto global ainda mais longe. Podia existir um interesse comum em gerir uma escala de preços que harmonize os interesses ao mesmo tempo que estabelece a transição para estratégias de redução do aumento de carbono, um portfolio mais vasto de fornecimentos e maior segurança internacional.

Entendimentos multilaterais sobre futuros da energia – conduzindo a uma fixação transparente do preço do carbono – também podem ser uma medida vital para a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas.

Um acordo sobre mudança climática também terá de ser sustentado por novos mecanismos para apoiar a florestação e evitar a deflorestação, desenvolver novas tecnologias e encorajar a sua rápida difusão, prestar apoio financeiro aos países mais pobres e assistir na fase de adaptação. Conforme discutimos ontem no Bali Breakfast, precisamos de reforçar os mercados do carbono. O lançamento, pelo Grupo Banco Mundial, de dois novos mecanismos – o Instrumento de Parceria para o Carbono Florestal e o Instrumento de Parceria para o Carbono – permite-nos reforçar o nosso apoio aos clientes que procuram vias de desenvolvimento com menor pegada de carbono.

Duas semanas atrás, para ajudar a fornecer recursos adicionais para estes desafios, o Banco realizou uma sessão de angariação de fundos que totalizou USD 6 100 milhões provenientes de dez países para novos Fundos de Investimento no Clima – recursos que os países em desenvolvimento podem utilizar para responder a questões de mudanças climáticas, no seio das suas próprias estratégias de desenvolvimento e de combate à pobreza.

### Estados Frágeis: Assegurar o Desenvolvimento

Ninguém precisa tanto de uma Nova Rede Multilateral como os estados frágeis e a emergirem de conflitos, onde habitam os “Mil Milhões Mais Pobres”.

Com muita frequência, a comunidade de desenvolvimento tratou os estados afectados pela fragilidade e conflitos simplesmente como casos de desenvolvimento mais complicados. No entanto, são situações que exigem que se olhe para além do aspecto analítico do desenvolvimento e se contemple um enquadramento diferente de criação de segurança, legitimidade, governação e da economia. Não se trata da segurança habitual, ou do desenvolvimento do costume.

Assegurar o Desenvolvimento consiste em congregar segurança e desenvolvimento para, em primeiro lugar, suavizar a transição da guerra para a paz e, seguidamente, implantar estabilidade para que o desenvolvimento possa ser sustido durante uma década ou mais. Só depois de se assegurar o desenvolvimento é que podemos criar raízes suficientemente profundas para quebrar o ciclo da fragilidade e violência.

O nosso parecer quanto à melhor forma de assegurar o desenvolvimento – segurança, governação e economia nas suas formas mais eficazes – ainda é modesto. Deparamo-nos com uma enorme falta de capacidades a nível internacional.

Mas o elemento mais importante nos estados frágeis ou que estejam a emergir de um conflito é o povo desses países. Será precisa, contudo, uma assistência multilateral muito mais intensa e duradoura para ajudar estes povos a deixarem de ser vítimas e se tornarem nos principais agentes da recuperação.

No Banco Mundial estamos a formular novas e melhores, espero eu, parcerias com as Nações Unidas e outros. Um novo Acordo de Princípios Fiduciários entre o Banco Mundial e as Nações Unidas irá acelerar, consideravelmente, respostas conjuntas às crises. Estamos a avançar com as tão necessárias operações de liquidação de atrasados e a estabelecer um novo Fundo para Construção da Paz e do Estado, no montante de USD 100 milhões, destinado a apoiar uma abordagem mais estratégica e inovadora ao conflito e à fragilidade.

## **Os Seis Temas Estratégicos**

Senhor Presidente:

No ano passado, delineei seis temas estratégicos para o Grupo Banco Mundial com o propósito de nos ajudarem a orientar o nosso trabalho destinado aos países mais pobres, sobretudo em África; estados frágeis e em período de pós conflito; países de rendimento médio; bens públicos globais e regionais; expansão de oportunidade para o Mundo Árabe e criação de conhecimento e aprendizagem.

Estes temas estratégicos estão presentes em todo o nosso trabalho. Hoje, sublinhei alguns exemplos.

À medida que avançamos com os seis temas, temos de continuar a aplicar medidas contra a corrupção e de boa governação a todas as nossas actividades. O público está certo ao esperar um enfoque mais intenso na governação e no combate à corrupção. A corrupção é um imposto cruel que, em primeiro lugar e sobretudo, recai sobre os pobres. Temos de combater onde quer que se encontre.

Agradeço a Paul Volcker e aos Comissários, seus colegas, o excelente trabalho e as recomendações práticas. Estamos a implementar as recomendações do painel de expandir o nosso trabalho, inclusivamente através do reforço do nosso Departamento de Integridade Institucional, criação de uma nova unidade preventiva e consultiva para melhor se partilhar e implementar as lições aprendidas e nomeação de um Conselho Consultivo Internacional para ajudar a aconselhar o nosso novo Vice-presidente.

Este trabalho baseia-se nas nossas obrigações fiduciárias. Mas não termina aí. Temos de construir uma cultura institucional de honestidade, integridade e confiança. E temos também de encorajar e assistir os nossos clientes – desde o mais jovem funcionário de aquisições até aos Primeiros-ministros e Presidentes – a também aderirem a esta cultura.

## **Conclusão**

Senhor Presidente, como um Director-Executivo recentemente observou, desde as nossas últimas Reuniões Anuais, um ano atrás, o Grupo Banco Mundial passou da crise para o incentivo.

Agora, o mundo enfrenta uma crise. É a altura de o Grupo Banco Mundial avançar.

Temos uma base sólida de capital, forte liquidez, experiência global sem paralelo com acesso a todo o mundo e gente extraordinária.

No entanto, podemos e temos de fazer melhor.

O Grupo Banco Mundial mostra o seu melhor lado quando reúne conhecimentos globais, constantemente desafiados e actualizados; investimentos em pessoas, mercados e instituições; e financiamento inovador – sempre consciente, como a Comissão de Crescimento este ano realçou, de que não existe uma fórmula única para o desenvolvimento. As circunstâncias de cada país são únicas e especiais. Temos de ter a humildade, espírito prático e honestidade de compreender aquilo que resulta e de consertar o que não funciona.

Nesta missão, o nosso maior trunfo é o pessoal do Grupo Banco Mundial aqui em Washington e em todo o mundo que, este ano, tem trabalhado incansavelmente com clientes e parceiros com vista a apoiar estes esforços. Explorando talentos de mais de cem países, estamos a esforçar-nos para mostrar como é que pessoas com experiências tão diferentes e provenientes de culturas tão diferentes podem associar-se para fazerem um todo muito superior à soma das suas parcelas.

Tenho, realmente, a sorte de lucrar com a riqueza da sua diversidade. Quero agradecer-lhes e fazer-lhes saber o quanto estou orgulhoso deles.



Temos, também, um Conselho muito activo, com o qual trabalhamos todos os dias. Tem-nos proporcionado uma orientação valiosa na nossa caminhada destinada a satisfazer as necessidades dos nossos clientes, a qual muito agradeço.

Ao encerrar, Senhor Presidente, uma palavra de perspectiva sobre o futuro:

A não ser que partilhemos melhor as oportunidades e as responsabilidades na nova economia global; a não ser que consigamos ver além dos resgates financeiros para contemplar os resgates humanos; a não ser que possamos elaborar políticas internacionais que permitam admitir mais pessoas e mais países aos benefícios económicos, não conseguiremos construir uma globalização inclusiva e sustentável. E o nosso mundo não será estável, qualquer que seja o volume dos nossos pacotes de resgate financeiro.

O futuro apresenta uma oportunidade envolta numa necessidade: Modernizar o Multilateralismo e os Mercados. Temos de a agarrar.

Obrigado.